

«Temos de acabar com o sectarismo, a intolerância, a violência, o ódio, temos de acabar com os atentados, as perseguições, a agressividade nas relações entre as pessoas e os grupos».

GENERAL RAMALHO EANES

A VOZ DE LOULÉ

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

ANO XXII

21-7-76

(Prego avulso 3\$50)

N.º 589

Composto e Impresso
GRÁFICA EDITORA
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETARIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua da Carreira
Telef. 6 25 36 LOULÉ

Tomou posse das suas funções o nosso Presidente da República

Durante a campanha eleitoral Ramalho Eanes foi considerado o candidato de Portugal.

A alguns partidos não agradou esse «slogan» porque... se sentiram desmascarados pelo seu enfeudamento a ideologias estrangeiras que, já se provou, não interessam ao povo Português.

E não interessa porque parece estar cientificamente provado que Portugal, apesar da sua pobreza, é um país rico, demais para se tornar um estado comunista.

E, através das últimas eleições, provou-se na prática que a grande maioria dos portugueses

já está suficientemente esclarecida acerca do comunismo para o não desejar.

Até porque já sabe que esta ideologia arrasta consigo todo um infundável cortejo de guerra, de fome, de miséria, de ódios, de torturas, de escravidão e de morte. Os recentes casos de Angola e Moçambique são disso mais um indelmentável testemunho.

E o mais curioso e paradoxal é que o mal não é do comunismo, mas sim dos homens que querem aproveitar em seu próprio benefício uma doutrina que é boa. E é por isso que tem tan-

tos adeptos que, ingenuamente, não alcançam os objectivos daqueles que os dominam.

Ramalho Eanes é, portanto, o Presidente da República de to-

(continua na pág. 4)

O LOULETANO PEDRO DE FREITAS

Pelo Dr.
— MAURICIO MONTEIRO —

Para além da herança psicosomática que as leis da genética e o meio ambiente e a educação nos transmite, dizem os astrólogos que o bicho homem está também submetido às influências do planeta que actuar no

momento preciso em que o ser vem à luz a que os romanos designavam por *fatum* ou destino, com forte actuação nas determinações humanas. Estas considerações foram-me sugeridas pela oferta do livro *Páginas Históricas do Passado*, da autoria de um valioso e delicado algarvio e meu velho Amigo Pedro de

(continua na pág. 2)

QUARTEIRA — a nossa praia

UM
TÍPICO
ASPECTO
DA PRAIA
DE
QUARTEIRA



EDITORIAL

Que país vai encontrar o general Ramalho Eanes, novo Presidente da República Portuguesa, ao entrar esta manhã, pela primeira vez, no seu gabinete do Palácio de Belém? Na alocação que ontem proferiu, o Presidente deixou vincadas algumas das suas preocupações. Ele sabe que encontra um País em crise — crise moral, crise nacional, enfim. Acto militar, a Revolução de 25 de Abril procurou, depois, o seu rumo político. A economia de inspiração capitalista foi destruída e não se criou qualquer outro sistema económico para a substituir. O País entrou assim na mais lamentável e dramática das anarquias.

Movimentamo-nos entre projectos capitalistas e tentativas

de economia planificada. Os portugueses observam, inquietos, o desfecho deste processo. Vivem, por vezes, no pórtico de uma economia de tipo socialista: são

(continua na pág. 2)

OS SINOS DOBRAM POR ANGOLA

Os sinos dobram por Angola, terra-mártir duplamente atraindo, reino da demagogia e da violência, vivendo ainda graças às «ruínas» que os portugueses ergueram quando levaram a civilização a terras então bárbaras e inóspitas.

Os sinos dobram por Agostinho Neto e a sua clique sovieta-

Estamos em plena época estival e por isso Quarteira está de novo super-lotada de turistas. De nacionais, cuja saída está condicionada, e de estrangeiros que não desistem de vir até nós dis-

-cubana de mercenários e usurpadores cegos de vã glória e vã cobiça, que atraíram o que assinara e jurara no Alvor, esmagando, pelas armas estrangeiras, pelo menos dois terços da população angolana.

O sinos tocam por quantos, ditos «progressistas», aplaudem o assassinio de quatro mercenários que, final, estavam envolvidos numa guerra civil que os próprios carrascos desencadearam. Condenamos veementemente todo o mercenarismo, como condenamos veementemente a pena de morte, seja ela aplicada a terroristas espanhóis comunistas ou a terroristas da extrema direita. Nisso somos intransigentemente coerentes.

A morte de qualquer homem me diminui — escreveu John Donne — porque eu sou parte do género humano.

P. D.

NEM SÓ AS ÁRVORES MORREM DE PÉ

Segundo afirmações dignas do maior crédito, de pessoas que têm conseguido sair de Angola, Moçambique e de S. Tomé, grãsa agora por aquelas antigas províncias ultramarinas portuguesas (e que são agora as novas colónias da Rússia) uma onda de miséria e de fome, que é trágica consequência da forma descontrolada e vergonhosa como se fez uma descolonização que alguns têm o descaramento e a pouca vergonha de chamar «exemplar».

Samora Machel até disse que os «pretos» têm agora liberdade de ir para as bichas fazer compras na loja dos brancos», mas a verdade é que tanto em Moçambique, como em Angola os géneros alimentícios são tão escassos que as pessoas têm que estar horas e horas nas bichas para conseguirem um pouco de comida. E ela é tão pouca que o estado de permanente fraqueza

faz com que muitas pessoas desmaiem... para nunca mais se levantarem.

O que prova que nem só as árvores morrem de pé...

Depois dos horrores da guerra

(continua na pág. 3)

FEITA JUSTIÇA A UM TRABALHADOR saneado da Câmara Municipal de Loulé

Em resposta à carta que, sob este título, publicámos no nosso último número, foi-nos entregue pessoalmente pelo Dr. João Barros Madeira, a seguinte carta que a seguir se publica:

Ex.mo Senhor
Director do jornal
«A VOZ DE LOULÉ»
LOULÉ

Ao abrigo da lei de imprensa,

solícito a V. Ex.ª a publicação da carta enviada em anexo, em resposta ao ataque pessoal que me é dirigido pelo Sr. Quirino Meslha, com o mesmo destaque que é dado à carta do referido senhor. Sem outro assunto e atentamente,

João Barros Madeira

(continua na pág. 2)

O Ministro viajou de comboio e este chegou a horas

(Ler na página 3)

TODOS PROMETEM... QUE EANES CUMpra

Se Otelo tivesse ganho, talvez que as suas promessas se cumprissem.

Talvez esta Revolução reganhasse o terror e a violência institucionalizada.

Talvez se mudasse de vez a cor da nossa bandeira, só meia rubra, e se bombardeassem os cidadãos, com mais uma dezenas de horas de discursos (ao bom estilo retórico-ditatorial latino-americano) do verboso e venenoso companheiro Vasco.

Talvez acabassem os sociais-fascistas ou talvez não.

Talvez fossem proibidos meta-de dos jornais, talvez se incen-

tivassem novas ocupações à luz do muito possível slogan «A casa a quem a ocupar», talvez se reeditasse a façanha dos mandados de captura em branco.

Talvez as boas mãos que possuem as tais armas se transformassem numa nova e multicoor guarda pretoriana do Presidente-Imperador Otelo e o Campo Pequeno pudesse reviver os seus dias passados de glória.

Se Pato tivesse ganho, teria ganho a «materia de esquerda», a «vanguarda» da classe operária, a continuação das espólições agrárias (e teríamos, talvez, a continuação da pág. 2)

O LOULETANO

PEDRO DE FREITAS

(continuação da pág. 1)

Freitas, declarando ser este o seu último livro. Não creio em tal. Pedro de Freitas nasceu sob o signo do imperativo categórico: observar, sentir, escrever e transmitir aos outros o que viu e o sensibilizou. Não o favoreceram os preparativos e os estudos básicos oficiais. Fez-se por si, foi um auto-didacta. Pedro de Freitas, talvez por herança de seu pai, ou por nata sensibilidade, cultivava também a música, tendo-se destacado como um grande defensor e propagandista das filarmónicas regionais do nosso país, tendo escrito a *História da Música Popular em Portugal*.

De profissão ferroviário-revisor, aproveitava todas as oportunidades para trocar impressões, receber ideias e cultivar o seu espírito em amáveis diálogos com os viajantes seus amigos e conhecidos, amenizando a sua profissão e enriquecendo o seu espírito, ávido de conhecimentos.

Ferrovário, foi mobilizado para a guerra de 1918, o que lhe proporcionou a obra *As Minhas Recordações da Grande Guerra*. Dá-nos depois, além de outras publicações, *As Memórias de um Ferroviário*. Mais tarde publica as *Brisas de Espanha*. A sua curiosidade levou-o à Índia e publicava a obra intitulada *Eu fui à Índia*. Vai aos Açores e à Madeira e dá à luz a obra *Belezas*

de Portugal entre outros trabalhos. Pedro de Freitas por onde passa recolhe impressões, grava ideias e toma notas para nos transmitir, sob o impulso de um imperativo que está dentro dele de escrever e comunicar aos outros aquilo que viu e mais o impressionou. E fá-lo numa linguagem simples e clara, acessível aos espíritos menos letrados.

Se não estou em erro de 1935 — a sua primeira publicação — até hoje 1976 com *Páginas Históricas do Passado*, que reputa ser a última — o que não creio — vão catorze publicações, o que vem confirmar existir dentro de Pedro de Freitas o tal imperativo categórico de escrever e transmitir aos outros aquilo que viu e mais o impressionou.

Entre as obras deste auto-didacta há uma que merece especial referência, publicada em 1964, sob o título *Quadros de Loulé Antigo*, obra dedicada à terra em que nasceu, um precioso documento dos seus costumes, das suas figuras mais destacáveis e exóticas, das aspirações das suas massas populares, do seu espírito associativo, pleno de um amoroso bairrismo.

Penso que Loulé deve estar reconhecida ao seu devoto e conterrâneo Pedro de Freitas pelo seu interessante e valioso legado dos *Quadros de Loulé Antigo*, que sem ele, se perderiam da memória dos homens e se diluiriam no pó do esquecimento.

FEITA JUSTIÇA A UM TRABALHADOR saneado da Câmara Municipal de Loulé

(continuação da pág. 1)

OS FASCISTAS LADRAM E A CARAVANA PASSA

Publicou «A Voz de Loulé» uma carta do Sr. Quirino Mealha, que me ataca de forma baixa e sueta. Não é meu desejo criar qualquer polémica, nem responder aos insultos, até porque eles não me vêm do Sr. Quirino, mas apenas repór a verdade dos factos, rectificar algumas falsas afirmações, e «lucunas» que abundam naquele vômito fétido.

1.º — Ao contrário do que o Sr. Quirino afirma foram ouvidas todas as testemunhas de defesa que indicou (dez), conforme pode ser comprovado pelo processo arquivado na Câmara Municipal de Loulé.

2.º — «Esqueceu-se» no entanto de referir que não foram ouvidas todas as pessoas que assinaram a queixa, cerca de 75, por ser obviamente impossível fazê-lo.

3.º — Insinua o referido Sr., que a Comissão Administrativa pretenderia sanear «peixe mais graúdo». Mente. Apenas foi apresentada queixa contra ele por pessoas identificadas, ouvidas em autos e com acusações de tal forma graves, que não poderia qualquer Comissão Administrativa tomar outra decisão, senão a de suspender o funcionário e instaurar o processo disciplinar.

4.º — Concordamos que a carta de que cita passagens, talvez fosse escrita de forma violenta mas ela nasceu da afirmação infame e despuerada do referido Sr. (ponto 16.º da defesa) em que afirma textualmente: «Aceitou com a maior alegria a instauração da ordem democrática no país»!!! Ao que nos consta os democratas deste país não se encontravam à altura do 25 de Abril de 1974 filiados na A.N.P.. Anexo ao processo está a ficha de inscrição do Sr. Quirino na citada organização fascista desde 30-1-62, com a quota de 30\$00!!!

5.º — Congratulamo-nos sinceramente com a decisão da Auditoria Administrativa. Isto só prova, que nos regemos por institui-

ções democráticas, ao contrário do que sucedia ao tempo em que o país era dirigido pelo partido de que o Sr. Quirino era filiado, activista e com quota de 30\$00.

6.º — Permitimo-nos salientar que a rescisão do contrato uue ligava o Sr. Quirino Mealha à Câmara de Loulé foi tomada por unanimidade, pela totalidade dos elementos presentes à sessão em que foi discutida, e não pelo Presidente da C. A., parecendo-nos que o referido ataque se inserirá em campanha difamatória mais vasta, em que se começaram a mover os peões acéfalos.

7.º — Quanto a «messas» de honestidade, certamente as não faremos com o Sr. Quirino.

8.º — Não voltaremos a este assunto, porque nos falta o tempo e a arte para polémicas jornalísticas.

Loulé, 14 de Julho de 1976.

JOÃO BARROS MADEIRA

A loucura das motorizadas

Consta-nos que, em relação ao Algarve, é Loulé o concelho onde mais motorizadas circulam.

Por isso não é de estranhar que elas passem quase permanentemente pela ruas de mais trânsito — para tormento dos que aí moram ou circulam.

E é tormento porque os possuidores abusam da força dessas infernais máquinas para irritar as pessoas que não conseguem fazer-se ouvir cada vez que passe uma motorizada na rua.

Parece que esses jovens, fazem luxo em fazer barulho, até porque, após louca correria, param e sentam-se à mesa dum café — prova evidente de que não andam depressa por terem pressa.

E tomam essas atitudes tão inconscientemente que nem reparam no mal que a si próprios fazem, pois estão cientificamente provados os malefícios dos ruídos no cérebro humano.

A Voz de Loulé, n.º 589, 21-7-76

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ ANÚNCIO

(1.ª publicação)

No dia 26 do próximo mês de Outubro, pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de carta precatória n.º 68/76 que correm termos pela 1.ª secção, vinda do 5.º Juízo Cível da comarca do Porto e extraída dos autos de execução por custas e pedido n.º 8 712, da 2.ª secção, em que é exequente o Ministério Público e executada Clona — Mineira de Sais Alcalinos, S. A. R. L., com sede na Quinta de Betunes, freguesia de S. Clemente, em Loulé, há-de ser posto em 1.ª praça para se arrematar ao maior lance oferecido acima do valor indicado nos autos, um auto pesado de carga de marca «Volvo», modelo NB-88-44, de 1969, com a matrícula FL-51-73, penhorado àquela executada e do qual é depositário José Maria Gonçalves Pereira, legal representante da mesma e residente em Loulé.

Loulé, 1 de Julho de 1976.

O Juiz de Direito, 1.º subt.º

a) Miguel Teixeira Ribeiro

O Escrivão de Direito,

a) João do Carmo Semedo

Assinantes novos

O aumento da tiragem de um jornal é sempre sintoma da boa aceitação que tem entre os seus leitores. E se continuamente cresce a tiragem de «A Voz de Loulé» é porque são realmente cada vez mais numerosos os nossos amigos. E com estes contamos para que cheguem novas adesões que permitam que o nosso jornal seja ainda mais divulgado e mais lido.

E por isso que hoje dirigimos um agradecimento muito especial aos nossos novos assinantes e amigos, Ex.ªs Senhores:

Júlio Mendes, residente em Almansil; D. Marcolina Sebastião Madeira, Loulé; Rogério Dorez Mateus, Albufeira; Casanova Vicente, Gonçalves António e Mário Guerreiro Gregório, França; Artur Bárbara Martins, Salir; Arsénio Zurrapa Martins, Paderne; Edgar Martins Guerreiro e Desidério José Oliveira, Boli-queime; Joaquim Manuel Rosa,

TODOS PROMETEM... QUE EANES CUMpra

(continuação da pág. 1)

tosos os festejos de despedida ao sempre tão «útil» quanto fluante e parcial — Sua Excelência Costa Gomes de insignificante memória).

Se Pinheiro de Azevedo tivesse ganho, talvez tudo continuasse exactamente na cepa torta (tal como as suas palavras ele foi um candidato de passagem que o Povo lembrou para mais depressa se esquecer).

Eanes, esse ganhou. Como será Portugal amanhã com Eanes presidente?

Que seja um País de confiança e dignidade.

Que deixe de ser a terra absurda do tudo ou nada, o País dividido entre bons e maus, o milagre de sobreviver aos infatigáveis aprendizes de ditadores.

Que retome o seu papel na História não o de novato terceiro-mundista, mas o de membro de pleno direito da comunidade internacional.

Que se torne de novo em Pátria de todos os portugueses (Pátria em que os refugiados se não sintam como hóspedes im-portunos e os emigrantes não vejam como banco resignado das economias do trabalho em terra estrangeira).

Que Eanes compreenda que não pode conseguir um projeto nacional se não acabar com as pequenas injustiças individuais — é delas que é feita a insatisfação geral de um povo.

Que Eanes nunca se penca nos infatigáveis corredores do palácio de Belém (velho, escuro e triste), onde os reposteiros são espessos e pululam os manipuladores profissionais, sob pena de perder, em tão pouco tempo como ganhou, o apoio da maioria dos Portugueses.

Que Eanes cumpra para que não mais reine em Portugal o poder solitário e a impotente solidão dos governados.

Alexandre de Souza Machado (De «Vária 8»)

«Um professor que é a vergonha da sua classe e pouco abona o partido em que milita»

Neste encravado país sucedem coisas de pasmar. Parece que anda tudo doido, cada um a fazer o que muito bem lhes apetece.

É o caso do professor primário José Francisco Carreira Vitória, a dar aulas na Escola de Eiró, freguesia de Silvão de Baixo, concelho do Sátão, em má hora resolveu dar exagerado

realismo aos temas de sexualidade. Para tanto intimou quatro meninas e dois rapazinhos seus alunos a despirem-se completamente, entrando depois em menores que chocaram tudo e todos, principalmente os pais das meninas que juraram que lhe cortam a cabeça se, depois das férias pascaais, ele retomar as suas funções na mesma escola.

É um caso que causou escândalo em todo o concelho do Sátão, dele tomando conta a delegada escolar, professora D. Maria Amélia Amaral, que ouviu as crianças desnudadas e está a elaborar um processo para dirigir à Direcção Escolar de Viseu.

Tomando tal facto como um atentado ao pudor, o posto da G. N. R. de Avelar — Sátão, vai fazer também a sua participação em juízo, pois o acontecimento tomou o vulto a que de maneira alguma podem ficar indiferentes as entidades responsáveis.

Isto só merece um pequeno comentário. Meter aquele animal, a que lhe chamam professor, na cadeia de Caxias, já!

(De «Aurora do Ribatejo»)

EDITORIAL

(continuação da pág. 1)

impedidos de sair das fronteiras, não podem comprar automóveis, não têm acesso a bens de consumo estrangeiros, estão a caminho do racionamento e enfrentam penosas e dramáticas restrições. São as características dominantes dos países de Leste.

Das varandas de Belém, o antecessor do general Ramalho Eanes, resolveu gritar às massas que «Portugal procurava o rumo do socialismo». A Nação ainda não tinha tido a oportunidade constitucional de dizer o que queria e já o general Costa Gomes e outros dos seus companheiros das Forças Armadas, aclamavam o socialismo.

Uma Nação atônita ouvia os novos profetas, correndo às livrarias para encontrar a explicação da palavra socialismo. Só muito tarde o povo entendeu que socialismo, em português, queria dizer comunismo, e que o que os novos e ingénios profetas nos propunham eram os sistemas políticos decorrentes da fase mais primitiva do marxismo-leninismo.

Por isso Portugal esteve a dois passos de cair num regime totalitário de esquerda, ligado umbilicalmente à União Soviética. Veio, depois a verificar-se que a União Soviética e os seus

representantes em Portugal não estavam interessados em deter o domínio deste pequeno recanto europeu, onde não há petróleo nem outras riquezas que não sejam a gesta histórica de um povo orgulhosamente independente. O que a União Soviética pretendia eram os territórios de Angola e Moçambique e, também, da Guiné, de S. Tomé e Príncipe, de Cabo Verde e de Timor. Nem tudo foi conseguido. Mas os países mais importantes, Angola e Moçambique, acabaram por cair nas mãos dos dirigentes soviéticos.

(De «O Tempo»)

● APREENSAO DE WHISKY FURTADO

A PSP de Portimão, por solicitação do Tribunal da mesma cidade, apreendeu numa boite local, 50 garrafas de whisky, por fazerem parte de um furto praticado nos Armazéns Farrajota, Lda., cujo montante se cifrou em 120 000\$00. Decorrem diligências, havendo fortes suspeitas de que o roubo teria sido praticado por 5 indivíduos, dois africanos e três brancos, prevendo-se a detenção a todo o momento do vendedor das ditas garrafas à boite em causa.

«O MINISTRO VIAJOU DE COMBOIO» E ESTE CHEGOU A HORAS...

Quem utiliza, esporádica ou assiduamente, os comboios da C. P. sabe, por experiência própria, que aqueles meios de transporte fazem do atraso um «título tradicional». Não é de hoje nem de ontem, e a nacionalização em nada melhorou o estado das coisas, neste como noutros sectores. Bem, mas não fujamos ao assunto deste nosso apontamento...

O atraso é portanto um «hábito» dos nossos comboios. Contudo, algo de «anormal» aconteceu no dia 20 de Junho último, com o chamado «rápido» Algarve-Lisboa. A «anormalidade» sintetiza-se em poucas palavras: naquele dia encontrava-se na Estação de Loulé, anónimo como qualquer cidadão, o ministro da Justiça do VI Governo, dr. Pinheiro Farinha; este membro do Governo — que foi reconhecido por alguns louletanos presentes — aguardava o comboio, para seguir até à capital do País. Naturalmente, o «rápido», quando chegou à Estação de Loulé, já trazia alguns minutos de atraso... e aqui é que começa a acontecer alguma coisa de inédito! Pois não é que o nosso «rápido» seguiu até ao

Barreiro sem as costumadas paragens em pleno campo alentejano, sem o crescente atraso que o caracteriza, sem as conhecidas incomodidades a que já habituou os passageiros! É bem verdade que assim foi; de tal modo que não nos lembramos — se é que alguma vez isso aconteceu — do comboio Algarve-Lisboa ter cumprido tão «à-risca» o horário marcado!...

A quem dar os parabéns? Ao maquinista da locomotiva, à C. P., ou ao ministro Pinheiro Farinha, que conseguiu chegar a casa a boas horas?... Enfim, parece ter sido encontrada a solução para os crónicos atrasos dos nossos gastos comboios: é só lá viajar um ministro e a «coisa» resulta... de tal maneira que o Governo até fica a saber que, quando se protesta contra os maus serviços da C. P., só os «má-finguas» é que acreditam nessas falsidades... pois os comboios (com ministros) chegam sempre a horas e o público até anda satisfeito com o serviço (cruzes canhoto)... Em resumo: mais vale ser ministro um dia que andar a pé toda a vida!

VIAJANTE

«ALENTEJO SAQUEADO»

Escrito por Jorge Morais, jornalista de «A Luta», «Alentejo Saqueado» é um livro que vale a pena ser lido por quantos se interessam pela lavoura e também pela política, por que aí se relatam, numa perspectiva global, experiências de um jornalista ao longo de meses de «reforma agrária» nas planícies alentejanas.

Em «Alentejo saqueado» factos concretos desmentem categoricamente as teorias divulgadas pelo P. C. P. de que a reforma agrária é condenada pelos que a criticam. Na verdade, o que se

critica, é o que Jorge Morais observou:

«A Reforma Agrária foi um acto político e não visou realmente a reorganização nem o ordenamento junto das terras alentejanas».

E este livro consagra um jovem profissional da imprensa porque Jorge Morais coloca a defesa da verdade acima da defesa da ideologia. E é isto que, essencialmente, separa os jornalistas socialistas dos jornalistas comunistas.

Por isso apetece-nos arquivar em «A Voz de Loulé» a nota de abertura de «Alentejo Saqueado» até porque neste livro se confirma o que aqui temos escrito contra a maneira como se pretende fazer a «Reforma Agrária».

«Este é o Alentejo da reforma agrária, tal como eu o vi — saqueado, não por trabalhadores mas por mandatários de poder estrangeiro».

Estão aqui, compilados mal e à pressa, por jornalista desatento, mil e um apontamentos de viagem, notas à margem, recortes de jornal, impressões, datas e nomes.

E que eu não podia fazer um estudo exaustivo da questão. Fica esta manta de retalhos, para os camponeses ludibriados (e eternamente explorados) e os agricultores que queiram caber na apertada palavra honestidade.

E fica para quem quiser a tiver paciência de lê-la, para que de tão mau exemplo alguma lição aproveite.

E para os «águia», para que a sua «mão direita», no dizer de Soljénitsyne «tão pequena, de salientes veias vermelho-escuros, inchadas, arredondadas, com as articulações edematosas», não possa decapitar mais portugueses, traduzíveis, no original russo, por «odiosos contra-revolucionários sobreviventes».

auto-ligeiro Citroen, n.º AL-78-12, em Estombar, que depois abandonaram em Sete Rios, em Lisboa, e de Morris, n.º GA-62-09, em Évora, já apreendido pela Polícia de Lagos.

O Morris foi abandonado no local de onde furtaram o Austin, existindo nele artigos também furtados pelos mesmos ladrões.

A Polícia solicita ao proprietário do veículo GA-69-09, que compareça naquela cidade, a fim de reaver a viatura furtada.

CUIDADO com os banhos de mar!

Se não fora a ocasional presença de 2 pescadores que se encontravam num dos espigões de Quarteira teriam morrido há dias, afogadas, 2 jovens de 16 e 18 anos que ali tomavam banho apesar da forte ondulação do mar e de estarem fora da zona recomendada para banho. E a agravar a situação, salienta-se que uma das jovens sabia nadar muito pouco e a outra nem sabia nadar.

Mesmo assim atreveram-se a avançar até perder o pé. Valeu-lhes o desembaraço dos pescadores Américo e Luís Quitério que, a muito custo, conseguiram salvar as jovens o que ainda lhes custou alguns fortes arranhões nas pernas e resto do corpo.

Para evitar que, principalmente aos Domingos, ocorram casos idênticos parece-nos que seria vantajoso aumentar a vigilância dos banheiros nas zonas mais concorridas.

DETENÇÃO POR FURTO

Em noite recente foram detidos pela P. S. P. de Lagos, na sequência de uma Operação levada a efeito pela mesma Polícia, José Patrício Gomes, de 23 anos, natural de Salvaterra de Magos e António Rogério Touroiro da Silva, de 20 anos, natural de Benavente, os quais foram detectados na posse do auto-ligeiro de passageiros Austin 850, n.º GL-52-79, furtado na mesma cidade.

Veio a apurar-se que tinham praticado mais os furtos de um

Nem só as árvores morrem de pé

(continuação da pág. 1)

civil, agora a miséria e a fome...

...Porque aqueles que forneceram as armas para a apregoada «independência» não fornecem agora o pão para os povos de que se dizem libertadores.

O observador menos atento (e talvez ignorando que o «programa» é igual para todo o Mundo) talvez ainda não tenha reparado na semelhança de processos utilizados em Angola e Portugal para mentalizar as pessoas da «vantagem» de certas teorias. Em África a canção era: «tu matas o patrão e depois ficas com a mulher do patrão, a casa do patrão, o automóvel do patrão e alcanças a felicidade completa». Oferecia-se o paraíso para quem nunca teve nada.

Afinal a mulher do patrão ou foi assassinada ou fugiu; o automóvel do patrão foi destruído pela guerra, veio para Portugal ou teve o mais recente destino: Cuba.

E a casa do patrão ou foi uma de entre as milhares que ficaram destruídas ou não interessa lá viver... sem comida.

E os angolanos que tinham um dos mais altos níveis de vida de África, estão agora condenados a passar fome e a viver na miséria.

Em Portugal também se tem prometido (e dado) só aquilo que é dos outros, pois não custa nada ser-se extremamente generoso com os bens alheios.

Cá, ainda falta saber os resultados de tanta «generosidade».

Mas nas nossas antigas províncias ultramarinas os resultados já são bem evidentes.

Estudo das reservas aquíferas do Algarve

Chega a parecer incrível que, sendo a água um elemento fundamental de vida, ele continue a ser uma palavra constante dos nossos dias, apesar de a vida na Terra ter milhares de anos de existência.

Desde há séculos, portanto, que o Homem tem falta de água e no entanto ainda no presente momento a carência de água é o problema aflitivo para milhões de seres humanos.

No caso específico do nosso País e do Algarve em particular, a grande verdade é que não se fizeram ainda nem grandes bar-

Notícias pessoais

FALECIMENTO

Acometido de doença súbita, faleceu no Hospital de Faro, no passado dia 29, o sr. Anselmo Bruno Pinto, abastado proprietário, natural de São Brás de Alportel, mas residente em Faro.

Pessoa de excelente formação, de esmerada educação e de agradável trato, o saudoso extinto que contava 73 anos fez por mais de uma vez parte dos corpos gerentes do Banco do Algarve e desfrutava de muitas amizades e simpatias.

Deixa viúva a sr.ª D. Marinha Domingos Eusébio Pinto e era pai da sr.ª Dr.ª D. Maria Isabel Eusébio Pinto e dos srs. Eng.º Carlos Manuel Eusébio Pinto, casado com a sr.ª D. Ana Maria Pires dos Santos Eusébio Pinto, e Fernando Manuel Eusébio Pinto, estudante de Medicina, casado com a sr.ª D. Ivone da Conceição Coelho Viegas Pinto; avó da menina Maria Isabel da Conceição Viegas Pinto e do menino Tiago Miguel dos Santos Pinto e irmão do sr. Sotero Mendes Pinto, residente em Faro.

A morte do sr. Anselmo Bru-

no Pinto foi geralmente sentida e o seu funeral, que se realizou para jazigo de família no cemitério de São Brás de Alportel, em cuja igreja matriz foi celebrada Missa de corpo presente, registou larga concorrência.

NASCIMENTO

Na Clínica de S. Miguel, em Lisboa, deu à luz uma menina, que recebeu o nome de Suzana Justino Belchior Raminhos Leitão a sr.ª D. Maria Margarida Monteiro Belchior Leitão, aluna da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, casada com o sr. Jorge Manuel Raminhos Leitão, aluno da mesma Faculdade.

A recém-nascida é neta da nossa conterrânea sr.ª D. Maria Helena Monteiro Belchior, e do sr. Eng.º Joaquim Lopes Belchior, presidente da Comissão Administrativa do Município de Faro e paterna da sr.ª D. Maria José Martins Raminhos, e do sr. Jorge da Graça Leitão, funcionário da Caixa Geral de Depósitos, em Olhão.

As nossas felicitações.

ACHADO ARQUEOLÓGICO EM FARO

(continuação da pág. 10)

pontos altos rodeados pelos canais da ria, como eu pretendo, baseado em dados arqueológicos e topográficos, que as pessoas teimam em desconhecer. Isto propus ao citado Congresso, em 1973, e ninguém refuliu perante os meus argumentos.

Mas esses argumentos multiplicam-se de dia para dia. Por cada um que aparece, podemos afirmar: aqui, onde isto estava era Ossónoba. Não há continuidade geométrica, mas há uma multiplicidade de linhas a unir pontos, formando já uma superfície respeitável para uma grande cidade. Sem precisarmos romancear ideias preconcebidas: em gabinete, mas com critério científico, vamos marcando os pontos dos achados. O do «pavimento romano» não está tão longe doutros, que necessite ser tomado como construção de arrabalde: arredores do Arco-da-Vila; trazeiras da Misericórdia, Largo da Lagoa; Rua de Santo António; Pontinha; Praça Ferreira de Almeida; Rua Conselheiro Bivar; Rua do Prior; Travessa da Alfândega; Avenida da República; Rua Gil Eanes; Rua Ventura Coelho; Rua Infante D. Henrique.

Não se pode deixar de ver uma certa continuidade, que, estou convencido, seria muito mais acentuada, se se fizessem escavações sistemáticas. Por tudo isto está-se a ver que, eu, em relação a Ossónoba, me encontro em estado mais avançado que a *divida*.

Outro ponto que quero esclarecer é o de Calpurnio (e não Kao-Purnio, como o ouvido lhes apanhou...). É um apelido de um dos oferentes do mosaico, coincidente com o duma lápide do Museu Arqueológico de Faro e com o dum Governador da Lusitânia, o que não quer dizer que tenham qualquer coisa uns com os outros, a não ser talvez o parentesco.

E, enquanto não aparecem os relatórios dos técnicos de Confimbriga e os dos arqueólogos de Lisboa — os competentes para falarem com autoridade — aguardemos com paciência que o mosaico seja restaurado e montado, na certeza de que nenhum outro será o seu destino se não o Museu Arqueológico de Faro.

Agradeço-lhe o espaço concedido e talvez não tenha sido inútil a intervenção do colaborador,

Pinheiro e Rosa

LOULÉ



AGRADECIMENTO

ALICE FABIÃO DE CAMPOS

Seu filho, nora, neto e restante família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma compartilharam a sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta durante a doença que a vitimou e bem assim a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada.

Para todos o penhor da nossa gratidão.

Móveis em todos os estilos
a preços acessíveis — só na

CASA SIMÃO
(A MOBILADORA)

António Simão Viegas, Ltd.ª

Telef. 62110 LOULÉ

ESCREVE-NOS UM ASSINANTE

Ainda a propósito de ...E as nacionalizações continuam

O sr. Eng.º-agrônomo Brito Mariano é um «alentejano filho de algarvios» e di-lo desempoeiramente na carta que nos escreveu para manifestar a sua discordância com o nosso ponto de vista acerca da Reforma Agrária.

Não estranhámos a sua atitude porque sabemos que é colaborador do sr. Eng.º Lopes Cardoso e é evidente que um Ministro tem todo o direito de escolher colaboradores cujas ideias se harmonizem com as suas.

Daqui se conclui que as ideias expostas na carta do sr. Eng.º Brito Mariano são uma síntese do conteúdo do ofício do Ministério da Agricultura e Pescas e significam exactamente a mesma coisa. Por isso nos abstermos de a publicar. E também não vamos dar uma resposta directa porque o nosso pensamento está claramente exposto na nota que publicamos no nosso número anterior.

Seria uma duplicação desnecessária.

No entanto não resistimos a transcrever esta pequena passagem da referida carta: «chamo a atenção de V. Ex.ª para o facto de falsear a verdade, porquanto, o articulista, ao apresentar

uma lista de pequenos prédios rústicos, expropriados no Alentejo, se esqueceu ingenuamente de acrescentar que os referidos prédios faziam parte de conjuntos pertencentes a grandes proprietários...».

Como resposta queremos dizer ao sr. Eng.º Brito Mariano que temos um respeito enorme pela verdade e que tivemos a coragem de combater a forma anárquica como se está fazendo a Reforma Agrária ÚNICA E SIMPLESMENTE porque nos orgulhamos de ser honestos. E porque entendemos que o que se fez no Alentejo foi uma delirante demagogia consciente e deliberadamente promovida por um partido que pretendia escravizar-nos a interesses estrangeiros, também não podemos aceitar que se tire tudo a um indivíduo só porque reúne mais de 50 000 para o deixar na miséria; já bastava que lhe roubas-

sem o que excedesse os 50 000 pontos.

Não falemos a verdade. Dissemos-lhe corajosamente e é isso que muita gente não gosta.

Só o que temos pena é que o sr. Eng.º Brito Mariano não seja proprietário de várias terras com menos de 1 hectare e que, no seu conjunto, ultrapassem os 50 000 pontos para vermos se gostaria que o Estado lhe tirasse tudo e depois lhe oferecesse 8 500\$00 por mês para sustentar a família (ler notícia mais detalhada noutro local deste número de «A Voz de Loulé»).

É pena que este quase nosso conterrâneo não tivesse sentido na sua própria carne os dramas sofridos por tantos agricultores alentejanos (e até pobres rendeiros) que passaram noites de terror, dias de incerteza, desespero e fome só por terem «cometido o crime» de terem contribuído para a prosperidade deste país através do esmero com que trataram das suas terras.

Saia do seu gabinete sr. engenheiro e veja as realidades do seu Alentejo e depois conte-nos o que fizeram os oficiais do M. F. A. e os dirigentes sindicais. Leia «Alentejo Saqueado» e medite.

E depois aplauda a Reforma Agrária se... ainda tiver coragem para o fazer.

A P. S. P.

persegue marginais

● CONDENAÇÃO POR FURTO

No passado mês de Maio, foi detido pela P. S. P. de Faro, João Hugo Pires Pinto, divorciado, de 45 anos, serralleiro, natural de Faro e sem residência certa, por ter sido surpreendido, na companhia de outro que se pôs em fuga, na posse de vários objectos furtados de um automóvel. Remetido ao Tribunal, transitou para a Cadeia e foi julgado no passado dia 18, sendo condenado nas penas de 17 meses e mais 194 dias de prisão, estes remíveis a 60\$00 diários; 880\$00 de imposto de justiça; 300\$00 de honorários; 7 000\$00 de indemnização ao lesado Eduardo Jorge, 2 000\$00 ao lesado Luís Manuel e 1 000\$00 ao lesado Rangel.

● CONDENAÇÃO POR RESISTÊNCIA

No dia 17 do corrente, foi detido pela P. S. P. José António Ramos Miguel, solteiro, servente de pedreiro, de 20 anos, natural de Almodovar e residente no sítio de Gambelas, por pretender entrar à força, sem bilhete, no Cinema de Faro, e, depois de a muito custo ter saído, ter insultado já na rua um furiel do R. I. de Faro em serviço de ronda e o Polícia que finalmente o deteve. Remetido ao Tribunal, foi condenado em 50 dias de prisão, remíveis a 25\$00 diários; 7 dias de multa de igual importância; 3 000\$00 de indemnização ao Exército; 1 200\$00 ao Guarda capor; 250\$00 de imposto de justiça e 150\$00 de procuradoria.

«Viva Voz»

Um jornal de educação e cultura

A Direcção-Geral da Educação Permanente acaba de publicar um jornal experimental «VIVA VOZ» que se destina à difusão da educação e cultura popular, para utilização — com material de leitura — por parte dos núcleos de alfabetização e outros grupos de educação popular espalhados pelo país. Lê-se no editorial deste número zero, que se trata de «um instrumento de educação permanente, uma página branca, muitas páginas brancas», ao dispor de todos os grupos locais dedicados à educação e à cultura». Assim foi feito este número, através da colaboração valiosa prestada por

indivíduos e grupos que a Direcção-Geral da Educação Permanente contactou e de quem recolheu preciosos testemunhos e opiniões.

A distribuição deste número experimental (tiragem, 25 000) será gratuita para os grupos locais de educação de adultos. Deverão este contactar a Direcção-Geral da Educação Permanente por escrito e solicitar o envio de um certo número de exemplares a distribuir. (Direcção-Geral da Educação Permanente, Jornal «VIVA VOZ», Campo Grande, n.º 83, 2.º piso, Lisboa-5).

TOMOU POSSE O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

(continuação da pág. 1)

dos os portugueses porque não está enfeudado a partidos estrangeiros, mas está, isso sim, interessado em fazer reencontrar este país. E define-se claramente nestas palavras que pronunciou no acto da investidura:

«Hoje, como em muitas encruzilhadas da nossa História, o povo português há-de reconciliar-se em torno de um projecto verdadeiramente nacional e erguer um mundo novo no limite das suas fronteiras. Hoje como sempre que esteve em causa o seu futuro Saibamos ser dignos dessa história e deste futuro; saibamos ser dignos do povo a que pertencemos — e que Portugal se cumpra em Portugal».

Após o 25 de Abril de 1974, o país viveu os mais confusos e delirantes momentos da sua história, porque, em dado momento ficámos entregues a meia centena de traidores que, pelo simples facto de serem militares, se julgaram donos e senhores deste país, arrogando-se o direito de venderem à Rússia por «30 dinheiros» aquilo que os portugueses criaram em África ao longo de 500 anos de sacrifícios e duras lutas... só não tendo apenas conseguido entregar Timor. Ai falharam no seu odioso processo.

Mas quiseram transformar a nossa Pátria numa colónia russa e disso são provas indelmentíveis o flutuar da bandeira da foice e do martelo em algumas vilas do Alentejo e também na

Câmara de Setúbal (infame atitude que no momento próprio tivemos a coragem de denunciar); quiseram trocar o hino nacional pela Internacional; quiseram mudar as cores da nossa bandeira e certos de que só assim conseguiriam bolchevizar o país, quiseram lançá-lo numa sangrenta guerra civil.

Mas a velha tática falhou em Portugal, porque os truques usados já são muito conhecidos e porque o povo português soube reagir no momento oportuno.

Outrotanto não aconteceu nem em Moçambique nem em Angola porque os pretos acreditaram que iam ser «livres, livres, livres como as gaivotas». E caíram que nem uns pa-sarinhos. Mas, hoje, eles já sabem que o comunismo onde chega só proporciona fartura de fome, de miséria, de desemprego, degradação, ambiente de ódio, terror, morte e medo.

Que o digam os milhares de portugueses que tiveram de fugir das nossas ex-províncias ultramarinas.

Que tristeza haver ainda tantos cegos neste país que «não querem ver» uma realidade que salta até aos que perderam a visão.

Com a tomada de posse dum Presidente da República eleito livremente pelo povo, os portugueses sentem que está afastado o perigo de uma ditadura comunista e que teremos, finalmente, em Portugal, um regime autenticamente democrático.

Disso são testemunha as seguintes palavras que o General Eanes pronunciou no acto da sua posse:

«A democracia em Portugal é possível, e sendo possível, tem de ser viável. O País tem cada dia um consciência mais clara das dificuldades que nos assombram. Generalizou-se a irresponsabilidade e a incompetência — quantas vezes usurpando o nome e os interesses dos trabalhadores — e avançou-se largamente no campo da irracionalidade económica, que poderia conduzir a muitos lugares, mas não por certo à democracia, e muito menos ao socialismo».

Cabe ao Governo encontrar os caminhos da viabilidade em que assentam em larga medida os avanços das conquistas das classes mais desfavorecidas, mas todas as forças políticas serão de certo modo responsáveis pela criação de condições que permitam a concretização do programa que esta Assembleia vier a aprovar. Não se espera o monólogo, nem o diálogo de surdos. A consciência da gravidade da situação, presidirá à procura de formas de actuação política que, sem prejuízo de uma indispensável actividade política, saibam salvaguardar o essencial para este povo, que é a defesa da paz, da liberdade e de um progresso real e duradouro.

A recuperação da situação económica, passando por uma política de austeridade, não poderá porém limitar-se ao seu aprofundamento, num país que de há largos anos detém os padrões de vida mais baixos da Europa, essa Europa que constitui local de trabalho e ponto de referência para mais de um milhão de trabalhadores portugueses».

J. A.

HUMORISMO POLÍTICO

Durante a sua eufórica digressão pelo «seu» Alentejo, um conhecido político entra numa tasca e pergunta: aqui servem cachorros? (referia-se aos cachorros quentes, claro está).

O dono da loja, imediatamente retorquiu: — Aqui servimos toda a gente, sem qualquer discriminação.

Acabou-se a bandalheira nacional?

As cerimónias da posse de Ramalho Eanes como Presidente da República tiveram um cunho de solenidade a que os portugueses já há 2 anos não assistiam.

Como por encanto, no espaço de 70 minutos, tantos quantos durou a cerimónia no interior de S. Bento, o Hino Nacional foi restituído aos portugueses em toda a sua grandeza e significação.

Os portugueses voltaram a ouvi-lo com respeito e devoção.

Perfilado, em continência, Ramalho Eanes, escutou o Hino Nacional interpretado pela banda militar e entoado em coro pelos milhares de portugueses.

Viam-se, entre os manifestantes, muitos olhos húmidos de lágrimas de comoção.

As cerimónias militares retomaram o seu prestígio e dignidade tradicionais. Não se ouviram as músicas populares transformadas em marchas militares que fizeram escola no «Gonçalvismo».

Por entre a multidão, alguns ex-militares e veteranos do Exército, choravam de emoção. Era a voz da Pátria que se fazia ouvir, após 2 anos em que ela foi achincalhada, martirizada e atirada para que o seu hino fosse substituído por outro que imbolizaria a nossa escravatura.

Com a posse do novo Presidente da República estamos confiantes em que iremos viver num estado de direito, que porá fim a «bandalheira nacional» em que estivemos envolvidos durante 2 anos.

JOSÉ NEVES LOURENÇO

MEDIADOR DE SEGUROS

Rua Ataíde de Oliveira, 29-1.º

Telef. 62757 — LOULÉ

ALMANSIL

TEM NOVO PÁROCO

Após o falecimento do Reverendo Padre António Inácio, verificado há cerca de 2 anos, a freguesia de Almansil ficou sem pároco residente, pelo que o serviço religioso passou a ser feito pelos 2 padres da freguesia de S. Sebastião de Loulé.

Esta circunstância quase impossibilitava que os numerosos turistas, que constantemente se deslocam a S. Lourenço, podessem apreciar os belos azulejos dos séculos XVI e XVII que ornamentam aquela igreja e que são dignos de pormenorizada visita.

Este, é portanto, também um dos motivos porque os almansilenses receberam com satisfação o preenchimento da vaga da sua Paróquia.

É-nos grato registar que, para ocupar essas funções, o sr. Bispo do Algarve nomeou o nosso prezado conterrâneo e amigo Reverendo Padre Francisco Costa Rita, que, durante 16 anos, de-

sempenhou, com elevado critério e geral agrado da população idênticas funções em Alte.

Ao novo Pároco de Almansil desejamos uma feliz acção pastoral.

CONFIDÊNCIAS

Confidenciaram-nos há dias que circulam pelas ruas da nossa vila jovens de 17 e 18 anos que guiam automóveis sem carta.

Será verdade?

Quanto ao ensurdecedor barulho das motorizadas também há algo a dizer, pois parece-nos que já vai sendo tempo de as autoridades começarem a actuar.

Pelo menos agora já a autoridade pode actuar.

Felizmente.

TRANSCRIÇÕES

O nosso prezado colega «O Alcoa», que se publica na bonita vila de Alcobaca teve a gentileza de transcrever 2 locais publicados no nosso jornal: «O ensino está no caos» e «Como é curta a memória dos homens».

Os nossos agradecimentos.

AFINAL...

O Dr. Alvaro Cunhal faz, afinal, o jogo dos capitalistas...

Depois das eleições até disse que quem não votou no candidato comunista havia de pagar com juros.

Consciencialização duma classe

«A exploração não pode voltar ou continuar onde ainda exista, e esta recuperação não se fará em nenhum caso à custa dos legítimos direitos dos trabalhadores, das suas organizações e associações, e evidentemente só os poderá favorecer. Mas para que a economia, a democracia, e o próprio País se salvem, é indispensável que todos os trabalhadores de facto trabalhem e produzam como se impõe, e com uma crescente maturidade política, e no cumprimento do dever patriótico, recusem frontalmente demagogias irresponsáveis, ilu-

sões utópicas, vantagens imediatas que se traduzem em prejuízos irreparáveis a curto prazo, reivindicações irrealistas e formas de actuação que neste momento só podem servir a falência do Portugal novo e democrático, com o consequente e inevitável regresso ao passado.

A rentabilização do sector nacionalizado e a criação de condições de exercício aos empreendimentos privados que permitam o relançamento do investimento são objectivos que é imperativo atingir a curto prazo».

RAMALHO EANES

RIR FAZ BEM

● FOI LÁ!

Um par, ternamente abraçado, passeava uma noite por uma avenida sem concorrência. De repente ela murmurou-lhe ao ouvido:

— Queres que te mostre o sítio onde eu fui operada à apêndice?

— Oh, sim, minha querida, quero!...

— Então olha para aquela luz, lá ao fundo...

...E a janela da sala de operações do hospital. Foi lá...

● ERA MAIS FÁCIL

— Come o teu arroz, filhinho.

— Não gosto.

— Finge que gostas.

— Não, então antes quero fingir que como.

● DIREITOS CIVIS...

O avô para a neta:

— Porque estás tu a chorar, Rita?

— É que os manos estão lá em baixo a jogar às eleições e não me querem deixar votar!

● RETIRADAS ESTRATÉGICAS

— Aquela senhora que acaba de sair é a companheira dos seus prazeres e dissabores, não é verdade?

Reposta do interpelado:

— Dos prazeres, é. Mas em se tratando dos meus dissabores, vai ver a mãe!

● PINTURA REALISTA

Um crítico felicita um pintor que lhe mandou um quadro com lindos efeitos de neve.

— Muito bem! Esta neve está tão bem feita que só de olhar para ela já sinto frio.

— A quem o diz! — responde o pintor. — Ontem entrou aqui um desconhecido, que na minha ausência esteve examinando o quadro e abalou com o meu casaco de agasalho.

● BOM VENDEDOR

O chefe de vendas pergunta ao pretendente ao lugar:

— Tem condições para vender?

— Decerto. Já vendi a minha casa, o plano, o carro e quase todas as jóias da minha mulher!

Uma mulher entra violentamente numa fotografia:

— Foi o senhor que tirou esta fotografia?

— Fui, sim senhora. Porque motivo reclama?

— É uma fotografia vergonhosa. O meu marido parece que tem cara de macaco...

— Ó minha senhora! E não notou isso antes de casar?

Juventude Luso - Venezuelana

Juventude Portuguesa

Os teus pais são imigrantes

Tu és a grande riqueza

Fruto de terras distantes

A mocidade não dura

Só fica amor e tristeza

Vocês são de Raça pura

JUVENTUDE PORTUGUESA

Portugal é um cantinho

E Pátria de navegantes

Digam sempre com carinho

Os teus pais são emigrantes

Junto à malinha de mão

Trouxeram teus pais amantes

Muito amor no coração

Fruto das terras distantes

Nascidos em Venezuela

Criados à portuguesa

Juventude coisa bela

Tu és a grande riqueza.

Maracay, 20 de Fever. de 1976

MANUEL CORGA

DIVAGAÇÕES

● A mulher do falecido Karl Marx queixava-se de que a sua vida teria sido muito melhor se o marido, em vez de escrever sobre o capital, tivesse arranjado algum.

● Não fume na cama. Amanhã a mulher da limpeza, ao limpar a cinza dos cinzeiros, pode ter de limpar também as suas.

● Um supermercado é um lugar onde perdemos meia hora para comprar um frasco de café instantâneo.

● O problema destas casas modernas é que as paredes são demasiado finas quando queremos dormir e demasiado grossas quando queremos ouvir o que os vizinhos dizem...

CASAMENTO

Menina solteira, de 35 anos, residente há 4 anos na Alemanha, deseja conhecer senhor solteiro, dos 30 aos 38 anos, para fins matrimoniais.

Guilhermina Reis da Nazaré — 517 Julich — Elisabeth Str. 1 — ALEMANHA.

VENDEM-SE

Apartamentos com 4 assoalhadas com chave na mão, situados na Expansão Sul — Cadoiç — Loulé.

Informa: Filipe Marum Murta, 3.º, Dt.º — Cadoiç — LOULÉ.

VENDE-SE

Um prédio antigo, que serviu de fábrica de curtumes, na Rua do Poço. Bom para construção nova. Tratar com José de Sousa Vitorino — Telef. 62130 — LOULÉ.

ESPEREM... VOU CONTINUAR

...E dizem: «fim aos patrões»!

Ora isso é coisa séria!

Porque é que esses aldrabões

Não acabam com a miséria?

Acabem os marginais

É tempo de trabalhar

Há capatazes a mais,

E temos que os sanear.

Pedimos justiça social

Da esquerda para a direita;

Justiça para todos igual:

Assim ela seja feita!

Sou portuguesa a valer

E nisto tenho razão;

Quando estou a escrever

É o que dita o coração.

UMA ALGARVIA

...E onde as greves são proibidas

Informações provenientes da Polónia, indicam que alguns trabalhadores da cidade industrial de Radom, onde foram mortas duas e incendiada a sede local do Partido Comunista, durante os motins ocorridos no mês passado, contra o plano governamental de aumento de preços dos produtos alimen-

tares, foram recentemente julgados por motivo de «depravações a propriedades do Estado e interrupção da produção».

Entretanto, iniciou-se o julgamento, em Varsóvia, de operários da fábrica de tractores Ursus, sob a mesma acusação.

A imprensa de Varsóvia noticiou ainda que alguns dos operários implicados em greves, perturbações de trabalho, intimidação de colegas e outros «excessos», irão ser igualmente julgados em tribunais de fábrica, compostos por «camaradas trabalhadores».

BORDADOS

Senhora ensina a bordar à mão e à máquina e aceita encomendas.

Nesta Redacção se informa.

CAFÉ ARIEIRO

TRESPASSA SE

Tratar com o proprietário: António Domingos Cavaco.

Rua da Carreira — Telefone 62299 — LOULÉ.

PREÇOS

DE ASSINATURA

DE «A VOZ DE LOULÉ»

CONTINENTE

Semestre 60\$00

Ano 100\$00

ESTRANGEIRO

Semestre 90\$00

Ano 150\$00

ESTRANGEIRO — AVIAO

Semestre 140\$00

Ano 230\$00

Nota: Os preços para o estrangeiro foram ligeiramente aumentados em relação ao penúltimo número porque entretanto os C.T.T. aumentaram as respectivas taxas.

IMPRESSOS

ECONÓMICOS
RÁPIDOS
PERFEITOS

Executam-se na

Gráfica Louletana

Telefone 62536

LOULÉ

DIREITO DE PROPRIEDADE E NACIONALIZAÇÃO(II)

(continuação da pág. 10)

mas necessária, deste texto. A propósito da expropriação, formulamos quatro regras que se impõem para que se possa falar de legitimidade. Reencontramos-as aqui:

1.º — O motivo da nacionalização deve ser o bem comum.

É interessante ver o que o texto entende dizer com isso. Primeiramente, um aspecto correctivo: corrigir abusos e acabar com o desperdício das forças produtivas da nação. Em seguida, um aspecto construtivo: organizar de modo sistemático a economia do país e explorar as forças produtivas em proveito da própria nação, a fim de que, pelo florescimento da economia nacional, a prosperidade material seja assegurada ao povo com vistas a seu desenvolvimento cultural e religioso.

2.º — Não se deve recorrer à estatização senão quando se apresenta como o único meio verdadeiramente eficaz de remediar a situação. Há de ser o último recurso, como dizíamos a propósito da expropriação.

3.º — É preciso que a empresa se tenha tornado um sério obstáculo ao bom andamento económico do país, seja pelos abusos por ela praticados, seja pelo controle que exerce. Ocorrem-nos logo à ideia, espontaneamente, certos trusts, proibidos em seus países de origem, e que operam às escancaras em países satélites, mantidos sob tutela económica.

4.º — Deve haver indemnização. Esta, porém, há de ser calculada, diz Pio XII, conforme as «circunstâncias concretas», o que nos faz retornar ao que dizíamos acerca da expropriação. Não se poderia falar aqui de igualdade matemática, mas apenas de igualdade proporcional, segundo as normas da justiça distributiva. Levem-se em conta todos os factores que caracterizam as operações económicas da empresa, ao estabelecer-se o montante da indemnização e o prazo de pagamento. Não será inútil mencionarmos a posição de um teólogo da envergadura de Haring, o qual coloca nestes termos a questão da indemnização: «No cálculo das indemnizações por expropriação, conviria também adquirir-se a acumulação de uma enorme riqueza não corresponde, em última análise, a uma legislação associada e se não se trata de uma exploração da miséria dos outros» (*). Aplicando esta pergunta à nacionalização, não será justificado investigar se os superabundantes lucros, acumulados num longo período de anos e exportados em bloco para o país donde proveio o capital (referência a empresas estrangeiras), não correspondem também a uma exploração da miséria dos outros? A resposta parece dever ser afirmativa, e é a essa luz que se terá de estabelecer a indemnização no caso de nacionalização.

«Tudo, quanto dissemos, até agora não altera em nada o princípio de que a estatização não pode ser empregada como processo geral, — continua Charbonneau — mas só como medida de excepção (e nós perguntamos: é isto que se tem feito entre nós, portugueses?). O que, entretanto, não significa que deva ser encarada como suspeita (também entre nós?). Ela é, para a economia, o que a cirurgia é para a saúde. Quando se mostrar necessária, seja aplicada. Ninguém teria a ideia de submeter-se a uma intervenção cirúrgica por qualquer mal-estar. (Sê-lo-á então sempre segundo os moldes de certos programas de determinados Partidos políticos?).»

«É isso que tínhamos a dizer sobre o direito de intervenção do Estado quanto à propriedade. Este apanhado sintético não esgota o assunto, mas traça pelo menos um quadro geral onde se vê que o direito de propriedade está circunscrito em sérios limi-

tes, de que o Estado é o guardião (e não o dono). A pessoa permanece sempre soberana, e em nenhum momento o direito de propriedade de que dispõe por força da lei natural (também dos bens de produção) poder-lhe-á ser negado, pois que é a salvaguarda da sua dignidade. Este direito de propriedade, porém, não é absoluto, devendo exercer-se em proveito do bem comum. É em virtude dessa finalidade intrínseca ao direito de propriedade (e só dela), que o Estado desempenha um papel tão importante. Poderíamos resumir brevemente em alguns pontos entre os mais decisivos:

São da competência do Estado:

1.º — A regulamentação do direito de propriedade.

2.º — A luta enérgica contra todos os tipos de monopólios e contra todos os grupos de interesses (sindicatos internacionais, trusts, etc.), os quais adquirem um tal poder que se tornam uma ameaça para o equilíbrio da nação.

3.º — A promoção do equilíbrio na conjuntura económica, mediante uma planificação indicativa, com o fim de melhorar a produção e a distribuição das riquezas da nação.

4.º — O vigilante controle da evolução económica, particularmente em face de dois problemas que afectam directa e profundamente os trabalhadores e os consumidores: o desemprego e a inflação.

5.º — A organização de um eficaz sistema de seguros sociais para garantir, sobretudo aos que são economicamente fracos (senhorios de rendas antigas, inclusive, que não tenham outros recursos, perante a inflação e a alta do custo de vida), a tranquilidade a que têm direito.

6.º — A elaboração de uma política fiscal que se preocupe em atingir o menos possível a pequena propriedade e o pequeno assalariado.

E Charbonneau conclui: «Este resumo não esgota, evidentemente, o campo de acção do Estado, mas abrange suas obrigações correntes e normais. Cuidando da observância de cada um dos pontos citados, o poder público não fará mais que seu dever. A omissão em um ou outro desses domínios acarretaria, de resto, consequências extremamente graves para a comunidade, porque as condições

gerais cessariam de oferecer aos cidadãos um quadro no qual pudessem atingir o máximo de seu desenvolvimento pessoal. Contudo, cumprir sublinhar, deve-se evitar sempre a tentação do estatismo. Com efeito, um Estado robusto e possante sente naturalmente a inclinação a imiscuir-se mais e mais na vida económica, estendendo seu controle até ao ponto de pertencer-lhe toda a iniciativa. Em nossa época, na qual se assiste ao que a *Mater et Magistra* chama um fenómeno de socialização crescente, o Estado encontra uma situação geral que favorece essa tendência. Precisa saber resistir-lhe a fim de que a pessoa humana possa expandir-se plenamente segundo as exigências da liberdade. Esta deve ser a maior possível, uma vez definidos os limites impostos pelo bem comum. Dentro destes limites, o Estado nunca deve intervir para comprimir a pessoa. Seria encaminhar-se ao totalitarismo (que, entre nós, o 25 de Abril repudiou, e muito bem), que, sob qualquer de suas formas (direita ou esquerda), é incompatível com a consciência cristã (e humana), para a qual a LIBERDADE é um imperativo».

Deixando Charbonneau, poderíamos aqui e agora recordar a condenação proferida por Pio XII contra «todas aquelas teorias que, diversas entre si e derivadas de ideologia contraditórias, concordam, no entanto, em considerar o Estado... como uma entidade absoluta e suprema, acima de todo o controle e de toda a crítica, ainda que seus postulados teóricos e práticos cheguem violentamente à negação formal dos dados essenciais da consciência humana e cristã» (*). Creemos ser disso típico exemplo o socialismo totalitário do Leste Europeu, mas não só...

ANALIDE GUERREIRO

(*) Paul-Eugène Charbonneau *Cristianismo, Sociedade e Revolução*, Editora Herder, S. Paulo, 1965, p. 385-390.

(*) João XXIII, *Mater et Magistra*, n.º 116.

(*) Pio XII, *Il Nostro Precettore*, 11 de Março de 1945, AAS 37 (1945) 68-72.

(*) Bernard Haring, *A Lei de Cristo*, t. III, p. 610, citado por Charbonneau, op. cit. p. 387.

(*) Pio XII, *Con sempre nuova freschezza*, 24 de Dez. de 1942, AAS 35 (1943) 9-24.

CUIDADO COM O FOGO

Recomendações dimanadas pela P. S. P.:

1.º — A época calma que já começou a fazer sentir-se é propícia à deflagração de incêndios com graves consequências de propagação em vastas áreas de matas e searas.

2.º — Embora algumas vezes tais incêndios tenham origem criminosa, outras vezes, porém, são devidos a negligência ou descuidos de vária ordem.

3.º — Assim focam-se alguns dos casos mais flagrantíssimos, que se solicita sejam tidos em atenção, como sejam:

a) Não fazer fogueiras, em matas ou na sua proximidade, o que por vezes se verifica para cozinhar, aquecer a comida ou queimar lixo ou outros materiais;

b) Ter o cuidado de apagar a ponta do cigarro e nunca o lançar para ponto onde possa produzir lume e provocar incêndio; Muitas vezes isto é feito involuntariamente por motoristas de veículos em movimento que nem

dão conta do local onde cai, nem se apercebem das suas consequências;

c) Avisar imediatamente os bombeiros, a Polícia e outras autoridades, logo que se presencie o início de incêndio, indicando a sua localização, proporções e possíveis consequências.

Criado o Secretariado para Animação do Algarve

Reveste-se de características inéditas no nosso País a criação junto do Racional Clube do Secretariado para a Animação do Algarve.

O Secretariado para a Animação do Algarve (SPAAL) é uma iniciativa conjunta do Racional Clube, da Direcção Geral do Turismo e da Direcção Geral de Acção Cultural, a que se associam ainda a Comissão Regional de Turismo do Algarve e os Casinos do Algarve.

O objectivo principal do SPAAL é a coordenação e planificação das actividades de animação turística, cultural, desportiva e social visando o estabelecimento anual do Calendário de Animação do Algarve.

Proposto inicialmente para entrar em funcionamento a partir de Março de 1976, atrasos verificados nalguns serviços oficiais levaram a que só agora pudesse ser concretizada a criação do SPAAL.

Espera-se naturalmente que a prossecução dos objectivos, a que o SPAAL se propõe tenha papel de relevo no ressurgimento do Turismo no Algarve.

Dentro de poucos dias será convocada uma reunião com os órgãos da Comunicação Social para a apresentação do programa de actividades do Secretariado para a Animação do Algarve.



AGRADECIMENTO

JOSÉ LUIS DOS RAMOS

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas de todas as pessoas que, de qualquer forma compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde do saudoso extinto durante a doença que o vitimou e, bem assim, a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada.

Para todos o penhor da nossa gratidão.

Manuel C. Corga
Maracay, 20-10-75

VENDE-SE

Um monte no sítio da Cabanita, próximo da Cruz da Assumada com casas de habitação e dependências agrícolas; muitas árvores de fruto. Nesta redacção se informa.

FAÇA PUBLICIDADE EM «A VOZ DE LOULÉ»

Abriu em FARO

a Agência VICTOR

SERVIÇO DE FUNERAIS E TRANSLAÇÕES

SERVIÇO INTERNACIONAL

Rua Aboim Ascensão, 11 e 11-B



ARMELIM CONTREIRAS

STAND DE AUTOMÓVEIS

Compra, Vende e Troca Automóveis novos e usados

Telef. 02919
Stand: Rua Diogo Lobo Pereira
Resid.: Rua dos Combatentes da G. Guerra, N.º 14-1.º Esq.º

(Largo do Chafariz)
Campina de Cima
LOULÉ



Restaurante

DUAS SENTINELAS

Esmerado serviço de

ALMOÇOS — JANTARES — CASAMENTOS
BAPTIZADOS

Ambiente acolhedor no pinhal da Estrada Loulé-Quarteira.

Área aprazível para recreio de adultos e diversão de crianças.

A 500 metros das Quatro Estradas
Experimente a nossa cozinha. Preços acessíveis.

Subsídio até 8.500\$ para ex-proprietários em situação difícil

Um decreto-lei do Ministério da Agricultura e Pescas, já publicado no «Diário da República», permite a atribuição de um subsídio mensal às pessoas singulares, titulares de direitos sobre prédios rústicos expropriados ou nacionalizados, que se encontrem insuficientemente providos de meios de subsistência. Para efeitos de concessão do subsídio o interessado deverá enviar um requerimento, com os necessários justificativos, ao Centro Regional de Reforma Agrária ou à Comissão de Gestão Transitória onde se situem os prédios expropriados ou nacionalizados. Aqueles organismos, após haverem procedido às diligências indispensáveis ao apuramento dos factos alegados, fixarão o quantitativo mensal a atribuir ao requerente, tendo em conta as necessidades do seu agregado familiar e o rendimento mensal efectivamente auferido da exploração do prédio, até ao limite máximo de 8.500\$00 por mês.

Como se vê esta é a confirmação plena da tal «sociedade mais justa» que se pretende alcançar «a caminho do Socialismo».

Este decreto dá-nos, portanto, a certeza de que através da chamada «Reforma Agrária» o Estado sacou (ou saqueou) as propriedades daqueles indivíduos que tivessem o azar de reunir, no seu conjunto, mais de 50.000

pontos e agora, por caridadezinha, o Estado oferece (se o interessado requerer) um «subsídio até ao limite máximo de 8.500\$ por mês».

E isto ainda tomando em conta as necessidades do agregado familiar. Mas... se se pertencer a alguma comissão de gestão de empresa nacionalizada até poderá «precisar» de 40 contos mensais...

Se é para cometer tão monstruosas injustiças que se faz uma reforma agrária, mais valia estarem sossegados.

A propósito: quanto será que ficam ganhando os novos gestores das propriedades nacionalizadas?

Era curioso saber-se, pois, com certeza, não vão contentar-se com 8.500\$00 mensais. Não foi para isso que expulsaram os ex-proprietários.

Entretanto sabe-se da estranha amargura que abalou a planície alentejana, fazendo com que as pessoas chorassem lágrimas de desespero e de dor, pois a tomada das terras pelos novos senhores do poder fez explodir uma girândola de iniquidades que ficarão guardadas como das mais trágicas da nossa história.

No Alentejo, choram-se ainda lágrimas de desespero, mas já há sorrisos de esperança.

Porque a esperança é a última coisa que se perde.

O Algarve representado no «Encontro Nacional da Família Carvalhelhos»

(continuação da pág. 10)

Conselho de Administração teve algumas considerações da maior importância e depois de se referir em pormenor à dedicação e ao interesse constante manifestado pelos agentes, subagentes e distribuidores das águas terminaria a sua intervenção agradecendo a presença dos representantes da imprensa regional.

Ouviram-se a seguir músicas e cantares alusivos às várias províncias portuguesas, audição que foi acompanhada da projecção de vários filmes, condizentes com as músicas e cantares entoados. Após cada uma das projecções (a que não faltou o Algarve presidido pelos seus usos e costumes), usavam da palavra os representantes de Águas de Carvalhelhos em cada uma das províncias.

A visita às grutas de Mira de Aire, efectuada na manhã de sábado, foi uma jornada inesquecível, porque realmente vale a pena ver aquele deslumbrante espectáculo cambiante de luz, cor, água e rocha talhada pelas águas ao longo dos séculos.

A visita à Fábrica de Tapetes Vitória foi muito proveitosa pelos que sentem natural curiosidade em conhecer todas as fases porque passa a matéria prima até ser tapete.

Além do Encontro da Imprensa Regional realizado no magnífico Hotel dos Templários, em Tomar e ao qual já nos referimos no número anterior, assistimos nessa noite à representação da peça de teatro «A Nossa Cidade», excelentemente interpretada, pelo Grupo de Teatro Freamundense e que a Televisão apresentou 2 dias depois, o que atesta o mérito dos amadores que realizaram aquele trabalho.

Como nota curiosa e talvez inédita em encontros desta natureza, não podemos deixar de salientar (e enaltecer) que, ao marcar o encontro dos representantes da Imprensa Regional, a organização também se tenha preocupado em aproveitar a estadia de numerosas senhoras para promover um colóquio com temas de interesse e cujos títulos dão clara ideia da curiosidade que despertaram: Economia Doméstica, Adorno e Arranjo do Lar, Psicologia na Edu-

cação, Higiene Alimentar, Responsabilidade da Mulher na Sociedade Actual e a Mulher e o Emprego.

Isto quer dizer que, da parte da organização foram feitos esforços no sentido de proporcionar um Encontro de verdadeira confraternização entre pessoas que fazem parte da «Família Carvalhelhos» e que se reuniram no centro do País para melhor se conhecerem e até para tratarem de problemas que a todos são comuns.

Creemos que este passeio perdurará na memória de quantos nele participaram, pois proporcionou horas de satisfação a quantos nele tomaram parte. De resto a maneira cavalheiresca como foram tratados e a gentileza de que foram alvo, são factores que não podem ser esquecidos.

Evidentemente que não é de estranhar que ficassemos conhecendo alguma coisa acerca das águas de Carvalhelhos, dado que a todas as refeições ela era abundantemente servida, além de que foram 3 dias de contacto com a «Família Carvalhelhos» e por isso alguma coisa tínhamos que aprender acerca da utilidade destas medicinais águas já tão conhecidas em todo o País.

Por isso mesmo não pudemos deixar de arquivar algumas notas mais salientes acerca do mérito das Águas de Carvalhelhos, o que faremos no próximo número.

Para terminarmos este breve apontamento acerca dum Encontro cujas agradáveis ocorrências mereciam desenvolvida reportagem, não podemos deixar de testemunhar à Administração das Águas de Carvalhelhos os nossos agradecimentos por nos ter proporcionado um tão agradável passeio em sãda confraternização com numerosos membros da Família Carvalhelhos, aos quais nos ligamos por fraternais laços de amizade.

É que esta iniciativa das Águas de Carvalhelhos é tanto mais feliz quanto é certo ter também proporcionado que se reunissem em Tomar representantes de 120 jornais da imprensa regional facto que aconteceu pela 1.ª vez no nosso país.

E isso merece um redobrado agradecimento a quem organizou esse memorável encontro.

Porque se mata e morre em Angola

Apesar de ser curta a memória dos homens, o Mundo deve estar ainda lembrado dos 2 homens que foram mortos em Espanha pelo crime de matarem 2 polícias que cumpriam a sua obrigação de defender a ordem pública.

O Mundo civilizado condenou a atitude do Governo de Espanha porque a vida humana deve merecer o respeito dos outros homens.

Por essa Europa houve patéticas manifestações de protesto, que atingiram o seu clímax em Lisboa com a destruição da Embaixada de Espanha.

E tudo isso porque eram esquerdistas os homens que o Tribunal de Espanha condenou.

Mas a história repete-se e acontece agora que aos vencidos de Angola se chamam mercenários. E isso basta para que o governo esquerdista de Agostinho Neto se sinta no direito de decretar a pena de morte para 4 homens que contrariam as suas ideologias políticas.

Onde está a coerência dos homens?

SERVIÇO NACIONAL DE AMBULÂNCIAS

Momento antes de conferir pos-se ao presidente da comissão de gestão do S. N. A., o primeiro-ministro cumprimenta trabalhadores deste serviço.

São significativos os números respeitantes a acidente em Portugal, cada ano: 2000 mortos, milhares de inválidos, mais de 50% das camas ocupadas por vítimas de acidentes de trânsito, a maior causa de morte entre 3 e 25 anos, 10 milhões de contos gastos...

TURISMO E CULTURA MUSICAL NO ALGARVE

(continuação da pág. 10)

naís arrecadam as receitas do imposto do Turismo.

Em segundo lugar a Escola de Música de Faro, quase sem trabalho, ficaria a ser conhecida como promotora da cultura musical regional e também nacional.

Tal festival, a exemplo do que sucede noutros países, tem repercussões extraordinárias, quer através da Rádio Difusão, quer da Rádio Televisão.

Os órgãos de Turismo algarvio teriam decerto algum trabalho, o qual lhes seria facilitado pelas estruturas artísticas oficiais existentes em Lisboa, na falta de orquestras sinfónicas no Algarve.

O próprio Conservatório Regional algarvio viria a beneficiar, não só pelo aumento do seu prestígio actual e dedicação dos seus docentes, como pela recepção dos donativos que não deixariam de aparecer pelo real serviço que tinha prestado à economia turística regional.

Foi este o nosso verdadeiro pensamento, visto conhecermos a precária situação financeira do Conservatório Regional, como já o dissemos num jornal de Faro.

Aliás, através dos nossos escritos e dos que acerca deles se fizeram, estamos cientes que a Secretaria de Estado da Cultura não deixará de providenciar para a melhoria daquela situação financeira. Nem de outra maneira se concebe que ainda no dia 25/6/76 o «Diário de Notícias» de Lisboa noticiava que no dia 27 seguinte (sábado) aquela Secretaria de Estado promoveria os seguintes espectáculos de música culta nos seguintes locais do País: em Lisboa, no jardim de Santa Luzia, um concerto de flauta, harpa e trio de cordas; no Palácio de D. Manuel, em Évora, um concerto de

música medieval e renascentista, pelos Segreiros de Lisboa; em Faro, um concerto de jazz, na Ilha; na Câmara Municipal de Setúbal, outro concerto de música de jazz; na Igreja de S. Francisco, da Covilhã, pelo Grupo de Música Vocal Contemporânea e finalmente no Fundão, um concerto de violoncelo e piano.

Como se vê, nós somos os únicos a pugnar pela audição de música culta e séria! Aplaudimos muito os bons ensinamentos que o Conservatório Regional do Algarve está levando às populações simples da Província, através dos seus concertos periódicos, que aliás, já conhecia mos. Porém, as opiniões dos srs. dr. Ivo Cruz e Mestre Tavares Belo, dizem-nos que não estamos totalmente errados.

Por já termos publicado neste jornal a opinião do Dr. Ivo Cruz (vide «A Voz de Loulé» de 21 de Janeiro de 1976) indicamos a opinião do maestro farense Tavares Belo, compositor de nomeada, que escreveu:

«Explêndida a ideia de um concurso nacional ou internacional para uma (decerto apareceriam mais) composição sinfónica sobre temas algarvios».

Na realidade, os nossos compositores sinfónicos não têm escrito obras sobre o Algarve; e se as há não estão divulgadas (Ressalvo o bailado «A Lenda das Amendoeiras», de Croner de Vasconcelos, recentemente falecido).

Falta de material temático publicado, recolha de temas que não foi feita, ou se foi não está publicado?

É verdade que o nosso Algarve tem beleza suficiente para que um compositor nele se inspire, mesmo sem temas folclóricos, mas para isso é preciso que o conheça e viva».

Lisboa, 1-7-76.

A. de Sousa Pontes



- isolamentos e protecções •pavimentos
- impermeabilizações •enxertos e podas
- coberturas

um produto que dura e faz durar!

DISTRIBUIDORES PARA O ALGARVE
JOSÉ GUERREIRO NETO & FILHO Lda
 Rua Padre António Vieira LOULÉ tel. 62283

Direito de Propriedade e Nacionalização (II)

Continuando, com Charbonneau (¹), a análise do problema da nacionalização, temos que, segundo este autor, «não pode subsistir dúvida alguma de que os princípios cristãos reconhecem como lícita a nacionalização em circunstâncias que a exijam e segundo os critérios da justiça. A Encíclica *Mater et Magistra* (²) nada mais fez do que confirmar, após Pio XII e com ele, o ensinamento definitivo de Pio XI, na *Quadragesimo Anno* (que citámos no artigo anterior).

Resta agora explicar quais as condições para que seja legítima a estatização. Na realidade, basta aplicar aqui as normas já estabelecidas a propósito da expropriação e ter-se-ão as circunstâncias que permitem reconhecer a liceidade desta medida.

Como nos Estados Unidos se protege a velhice

Falando há dias, com um louletano que há anos partiu de Salir em busca de melhores condições de vida para si e seus familiares, soubemos de factos curiosos de como os desempregados, os doentes, os inválidos e as pessoas da 3.ª idade são protegidas nos Estados Unidos e chegámos à conclusão que até mesmo aqueles indivíduos que só não trabalham por horror ao trabalho, até esses indivíduos, recebem subsídios de desemprego cujo volume lhes permite ter automóvel.

E a miséria que há nos E. U. A. haverá em toda a parte do Mundo enquanto houver homens que gastem numa semana o dinheiro que recebem para um mês...

E como nota curiosa de como lá se protege a velhice deu-nos o exemplo de seus pais, que levou recentemente para os E. U. A., e a quem o Governo pagará uma pensão vitalícia, apesar de nunca terem trabalhado naquele país. Os seus 75 anos e o facto de viverem nos Estados Unidos dá-lhes também o direito de, contra a apresentação de uma credencial, poderem adquirir, gratuitamente, em qualquer farmácia, os remédios de que precisarem.

E toda esta distribuição de riqueza, bem estar e prosperidade para todos só é possível porque naquele país se trabalha no duro e em plena liberdade que não precisa ser apregoada porque é autêntica.

Nos países onde não se produza riqueza só se poderá fazer uma equitativa distribuição de miséria.

Que o digam os milhares dos nossos emigrantes que sabem perfeitamente para onde devem rumar as suas vidas para fugir da miséria.

Podemos, aliás, recorrer a um outro texto de Pio XII, o qual corrobora a interpretação que demos dessas regras:

«As associações cristãs admitem a socialização no caso em que aparece como realmente exigida pelo bem comum, ou seja, como o único meio verdadeiramente eficaz de remediar um abuso ou evitar um desperdício das forças produtivas do país.

A Força da Justiça

«Os tribunais são as únicas instituições a quem compete administrar a Justiça, protegendo os interesses dos cidadãos e defendendo a legalidade. Ninguém ignora a diversidade do espectro político de algumas regiões do País. Da força moral que representa o funcionamento independente dos tribunais e da sua capacidade para verter na vida as regras constitucionais e as novas leis, dependem em larga medida o clima de autoridade democrática e a garantia de igualdade dos cidadãos. A cedência a quaisquer pressões, se, por um lado, não dignifica os tribunais, por outro, ofende gravemente os princípios democráticos em que assenta a nova sociedade, uma sociedade em que não haja mais lugar para o medo, nem para a impunidade do terrorismo e do crime».

RAMALHO EANES

LIMPEZA DA VILA

PROBLEMA SEM SOLUÇÃO?

Com frequência chegam até nós clamores de habitantes de Loulé que protestam contra a falta de limpeza que se nota em tantas ruas da nossa Vila.

E nós ficamos tristes por verificarmos que essas pessoas têm razões suficientemente fortes para protestarem contra a falta de limpeza que é mais culpa dos habitantes de que dos serviços de limpeza da Câmara.

Porque a grande verdade é que, se as pessoas não sujassem as ruas, nem sequer era necessário limpá-las.

...Mas infelizmente a falta de civismo é de tal ordem que mesmo quando estão deitando cascas de fruta para junto de seus pés, nem reparam que podem ser vítimas da sua própria incuria.

Temos um exemplo flagrante de uma vendadeira no Mercado de Loulé que há dias, escorregou nas peles de ameixa que deixou cair junto da sua bancada e apesar de, momentos antes alguém lhe ter recomendado que «devia juntar as peles e atirá-las para o caixote do lixo».

E nesta ridícula vila de Loulé até já se tem chegado ao cúmulo de atirar lixo para junto dos contentores, por preguiça de se abrir a tampa.

de garantir a coordenação orgânica dessas mesmas forças e dirigilas em benefício dos interesses económicos da nação, a saber, para que a economia nacional, por seu desenvolvimento regular e pacífico, abra o caminho à prosperidade, que constitui, ao mesmo tempo, um fundamento sólido também para a vida cultural e religiosa. Em todos os casos, essas associações cristãs reconhecem que a socialização importa numa obrigação de uma conveniente indemnização em favor de todos os interessados, calculada de acordo com o que as circunstâncias concretas sugerem como justa e equitativa» (³).

A importância do tema autoriza-nos, pensamos nós (é Charbonneau que escreve), a impôr ao leitor uma exegese (crítica e interpretação) talvez fastidiosa, (continua na pág. 8)

Achado arqueológico em Faro

Meu caro Piedade Barros.

A nossa «Voz de Loulé» (também me considero da casa!) trouxe uma local sobre o «achado arqueológico em Faro», em que citou o meu nome, dando-lhe os epítetos, agradáveis porque certos, de «estudioso professor». E isso que sou e daí não passo. Portanto, obrigado.

Mas peço-lhe licença para pôr os pontos nos ii em duas afirma-

As eleições Presidenciais no concelho de Loulé

A título de curiosidade e dando satisfação a vários pedidos de assinantes deste jornal, a seguir publicamos os resultados das eleições para a Presidência da República verificados no concelho de Loulé:

ALMANCIL — General Eanes, 1 214; Pinheiro de Azevedo, 350; O. Pato, 120; Major Otelo, 691. Inscritos, 3 381. Votantes, 2 400. Em branco, 13. Nulos, 12.

ALTE — Inscritos, 3 405. Votantes, 1 994. Em branco, 3. Nulos, 26. General Eanes, 1 299. Pinheiro de Azevedo, 303. O. Pato, 77. Major Otelo, 283.

AMEIXIAL — General Eanes, 399. Pinheiro de Azevedo, 62. O. Pato, 20. Major Otelo, 102. Inscritos, 982. Votantes, 603. Em branco, 3. Nulos, 14.

BOLIQUEIME — Inscritos, 3 281. Votantes, 2 331. Em branco, 8. Nulos, 14. General Eanes, 1 643. Pinheiro de Azevedo, 281. O. Pato, 50. Major Otelo, 335.

QUARTEIRA — General Eanes, 1 719. Pinheiro de Azevedo, 465. O. Pato, 103. Major Otelo, 508. Inscritos, 4 466. Votantes, 2 834. Em branco, 10. Nulos, 29.

QUERENÇA — General Eanes, 662. Pinheiro de Azevedo, 251. O. Pato, 26. Major Otelo, 206. Inscritos, 1 576. Votantes, 1 169. Em branco, 5. Nulos, 19.

SALIR — General Eanes, 1 534. Pinheiro de Azevedo, 239. O. Pato, 56. Major Otelo, 237. Inscritos, 3 246. Votantes, 2 099. Em branco, 7. Nulos, 26.

S. CLEMENTE — General Eanes, 3 175. Pinheiro de Azevedo, 824. O. Pato, 245. Major Otelo, 1 364. Inscritos, 7 461. Votantes, 5 698. Em branco, 32. Nulos, 58.

S. SEBASTIAO — General Eanes, 2 022. Pinheiro de Azevedo, 358. O. Pato, 123. Major Otelo, 522. Inscritos, 4 434. Votantes, 3 080. Em branco, 7. Nulos, 48.

ções da notícia, o que só equivale a dar melhor informação ao jornal e aos leitores.

Diz-se que eu «considero que esta descoberta, já esperada por especialistas, me leva a pôr em dúvida se a tão falada Ossónoba terá sido realmente em Estoi ou em Faro».

Ora, em primeiro lugar, a descoberta não era esperada por especialistas, nem até por mim. Eu sabia que, em 1935, tinham sido encontrados «pavimentos de mosaico», sob o leito da rua Infante D. Henrique, e que a Câmara de então não lhes mexera por não ter verba para o fazer. Tinha declarado isto, em 1973, ao III Congresso Nacional de Arqueologia, simplesmente como um dado secundário na argumentação em favor da localização de Ossónoba em Faro. Está-se a ver que não era o suficiente para que a descoberta

fosse esperada. Ela apareceu ao lado do ponto referenciado, embora por ele se prolongasse.

Agora que o desejo fique bem rectificado é que não estive à espera deste achado para «pôr em dúvida... se Ossónoba terá sido em Estoi ou em Faro». Qual dúvida?! Essa é uma certeza moral que tenho desde que me debrucei sobre o assunto pela mão de Abel Viana. E te investigador, que tanto amou o Algarve, pôs definitivamente os dados para a resolução desse problema e propôs a solução de maneira convincente. Mas, só com os dados do seu tempo, ficou-se no interior da cidade velha. Em anos recentes, porém, a vetusta cidade começou a manifestar-se cá fora, num núcleo portuário e comercial, como querem alguns demasiado cautelosos, em núcleos vários nos (continua na pág. 3)

TURISMO E CULTURA MUSICAL NO ALGARVE

Na Voz de Loulé de 16/6/76, encerrava a senhora directora do Conservatório Regional do Algarve a série de considerações que acerca da proposta que em tempos fizemos, neste e noutro jornal da Província, sobre o auxílio que a Música poderia dar ao Turismo, agora em declínio no Algarve, entre o mais com o seguinte:

«E pena que não se lute pela existência de Escolas de Música e sim por Festivais, antes da consolidação da Escola».

Na verdade há um erro de observação, porquanto ao pre-

nizarmos um concurso nacional (ou internacional) para o aparecimento duma composição sinfónica sobre temas populares algarvios, e pedindo-se a colaboração do Conservatório Regional do Algarve, implicitamente se está a consolidar o prestígio desta Escola. Toda a propaganda o aparecimento da composição sinfónica sobre temas populares algarvios, reverteria em propaganda turística algarvia, portanto beneficiando as estruturas hoteleiras a partir dos quais os órgãos locais de Turismo regio-

(continua na pág. 9)

Abastecimento de Produtos Alimentares ao Algarve

A falta de produtos alimentares essenciais, durante os meses de Verão, no Algarve, eram considerados um mal quase crónico da nossa actividade turística, com todas as nefastas repercussões que daí resultavam.

A Direcção desta Associação em estreita colaboração com a Comissão Regional de Turismo do Algarve, alertou em devido tempo todas as entidades oficiais ligadas ao Turismo e ao Abastecimento de produtos Alimentares, para as normais faltas de leite, manteiga, ovos, aves, peixe, carne, pão, etc. e salvo qualquer motivo imprevisível, temos o grato prazer de informar que prevemos para esta estação alta de turismo, um quase normal abastecimento de produtos essenciais, graças à colaboração do Ministério do Comércio Interno/Secretaria de Estado do Comércio Alimentar e Ministério do Comércio Externo e Turismo/Secretaria de Estado do Turismo, que se debruçaram atentamente sobre este problema e foram tomadas todas as providências para que se minorassem as habituais carências. Não podemos deixar também de realçar a colaboração da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, Delegação da Fiscalização Económica e muitas empresas, privadas ligadas à distribuição de produtos alimentares.

VI Festival Internacional de Cinema de Amadores do Algarve

O Grupo Juvenil de Cinema (Secção da Boa Esperança Atlético Club Portimonense) promove de 9 a 15 de Agosto de 1976, o VI Festival Internacional de Cinema de Amadores do Algarve.

O concurso reservado a filmes de 8 mm, super 8 ou 16 mm, é aberto a todos os cineastas amadores portugueses e estrangeiros, admitindo-se filmes a preto e branco ou a cores, mudos ou sonoros, originais ou cópias.

São admitidos filmes que tenham obtido prémios noutros concursos ou festivais, de cineastas amadores inscritos em

clubes ou independentes, exceptuando-se os que tenham participado em anteriores Festivais de Cinema Amador do Algarve.

Os concorrentes podem apresentar qualquer número de filmes.

O prazo para a recepção de inscrições de filmes termina no próximo dia 31 de Julho.

Patrocinam este certame a Federação Portuguesa de Cinema e Audiovisuais, Instituto Português de Cinema, Câmara Municipal de Portimão e Comissão Regional de Turismo do Algarve.

O ALGARVE REPRESENTADO NO «ENCONTRO NACIONAL DA FAMÍLIA CARVALHELOS»

No penúltimo número do nosso jornal demos apenas um ligeiro apontamento do que foi o «Encontro Nacional da Família Carvalhos». O acontecimento, porém, merece mais alguns comentários, até porque se revestiu de aspectos inéditos em acontecimentos desta natureza, pois em boa verdade se poderá dizer que não visava especialmente uma reunião de propaganda mas mais propriamente uma festa de confraternização entre pessoas que, em todo o país, trabalham com um objectivo comum: difundir o uso da Água de Carvalhos.

O encontro foi feliz e também escolhida a terra onde decorreu:

a bela cidade de Tomar. Mas a cidade do Nabão não tinha capacidade de alojamento para 1.300 pessoas e por isso foi necessário recorrer a Fátima, uma bonita terra que vale bem a pena ser visitada.

A abertura deste Encontro Nacional da Família Carvalhos realizou-se no Ginásio do Colégio Nuno Álvares, tendo usado da palavra um elemento da Comissão Promotora que fez uma breve alocução alusiva à iniciativa e fez votos para que o Encontro decorresse sob o signo do brilhantismo. Também o Presidente do

(continua na pág. 9)